

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 979

Data: 07.10.76

Pg.: \_\_\_\_\_

# Invasões afligem Kaingangs no Sul

ESP. 7.10.76

Sérgio Becker  
Enviado especial

Quando o presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira, chegar à reserva indígena de Nonoai, caso se confirme sua ida nos próximos dias ao Rio Grande do Sul, encontrará um quadro pouco animador. Além dos oito novos casos de tuberculose deste último mês, que se somam aos já existentes entre os 1.156 Kaingangs da área, o general verificará o déficit de cem casas na reserva e poderá conhecer o índio Vítor Paulo, que recentemente matou um posseiro, no Município de Planalto, por vingança. Este quadro é consequência da intrusão de mais de mil famílias de colonos que hoje ocupam quase dois terços dos 14.910 hectares da reserva de Nonoai situada nos municípios de Planalto e Alpestre.

Além disso, há uma comissão criada pelo governo estadual para verificar agressões cometidas por guardas florestais contra os 100 Kaingangs remanescentes do tronco dos kaneros, em Rodeio Bonito, com o objetivo de expulsá-lo de seu habitat e fazê-los engrossar o contingente dos frustrados residentes em Nonoai. A Funai já entrou com ações de despejo na justiça em Porto Alegre para a retirada de intrusos de quatro das sete reservas gaúchas. Em Nonoai, onde a tensão entre invasores e indígenas é permanente, somente 20 dos mil posseiros estão sendo processados, porque os demais não têm para onde ir. E o Incrá nada tem para lhes oferecer.

O presidente da Funai poderá rever o "capitão" Vitorino Kanero do Posto de Nonoai, que o visitou, no ano passado junto a uma dezena de outros indígenas em Brasília, quando o general lhe entregou um documento onde afirmava: "Sabemos perfeitamente que o índio do Sul do país há vários anos vem sendo espoliado em suas terras e em seu patrimônio. Vamos dar um paradeiro a esta situação. A Funai já começou a trabalhar para a retirada de todos os intrusos das diferentes áreas, começando pelo Rio Grande do Sul. E esse trabalho prosseguirá até que todas elas fiquem completamente limpas e o índio na posse plena de suas terras. Essa é uma promessa que faz o presidente da Funai, a quem o índio deve dar um crédito de confiança".

Independentemente das promessas ou soluções que o presidente da Funai possa anunciar em sua visita a Nonoai (e os próprios funcionários da fundação não acreditam que traga soluções definitivas), ele vai encontrar uma região praticamente sitiada. Embora o prefeito de Planalto, Idílio Zamin, do MDB, procurasse diminuir a importância do assassinato do posseiro Willibaldo Kunzler, morto por uma facada do Kaingang Vítor Paulo, pois "não passa de um homicídio como qualquer outro e quanto mais promoção se fizer pior para nós" o clima é de tensão. Desde que Vítor se vingou — informou o capitão Kaingang Marcolino Mineiro — "os intrusos já prometeram revolta. Ameaçaram se unir para nos liquidar. Nós não usamos armas como eles e por isso a orientação é para ninguém andar à noite pela estrada".

## Um decreto provocou o litígio

O governador Sinval Guazzelli designou, a 13 de setembro passado, uma comissão formada por um promotor de Justiça e dois advogados, sem nenhum vínculo com a Secretaria da Agricultura, para averiguar "possíveis irregularidades ocorridas na área da reserva florestal de Nonoai da unidade de preservação e controle dos parques florestais (quatro ao todo) daquela Secretaria e que atinge quatro municípios: Nonoai, Planalto, Liberato Salzano e Rodeio Bonito. O promotor Altair Venzon, presidente da comissão, referiu-se recentemente a dois aspectos da questão: a vontade de quase uma centena de kaingangs de permanecer fora de sua área atual e na reserva florestal, na altura de Rodeio Bonito e também, a contradição existente quanto à posse da reserva de 19.998 hectares.

### AGRAVAMENTO

Ocorre que antigamente era tudo uma coisa só: tanto a área da Funai como a reserva florestal, que agora fazem limite constituíam terras destinadas aos índios. Em 1949, a Assembléia Legislativa aprovou um decreto criando a reserva florestal. Posteriormente, em 1968, uma comissão de inquérito da mesma Assembléia concluiu que desde 1913 aquelas terras pertenciam aos indígenas, conclusão que, no entanto, não chegou a ser respeitada. Para os integrantes do Cimi-Sul a situação é clara: "O Estado grilou — diz o padre Egon Dionísio Heck — terras pertencentes aos índios e terá que lhes devolver".

Há dois anos a Secretaria da Agricultura contratou 12 guardas para "limpar a área" da reserva florestal

como disse o administrador Alexandre Tergolino, diante da invasão que ocorria. E os problemas se agravaram.

O administrador do parque retirou a guarda que acampava próximo aos índios logo após as primeiras denúncias de maus tratos e na semana passada, procurou desviar a atenção da imprensa para a comissão de sindicância que lá compareceu para ouvir depoimentos dos indígenas e de alguns guardas florestais. Sobre a possibilidade de brancos ingressarem na reserva para retirar pedras semipreciosas, abundantes na região, Alexandre Tergolino reconheceu que "para evitar isto precisaria um guarda a cada cem metros e não um a cada 10 quilômetros, como temos agora".

### CONFIRMAÇÃO

Os kaingangs, por sua vez, confirmaram praticamente todas as denúncias anteriores. Entre elas, o ataque de nove guardas florestais a Domingos da Silva, em fins de julho último, quando o espancaram e o amarraram nas mãos e nos pés. Conforme relato de Laurinda, mulher de João Ilia Cláudia da Silva, teve que fugir para o mato quando os guardas agrediram seu marido. Quando se afastava em direção à floresta, levando as crianças, ainda puderam ver os guardas matarem a tiros os cães e galinhas do casal. Em outros ranchos de índios, os guardas chegaram ameaçando os que não sássem da reserva e depois de desmanchar o telhado, jogavam todos os pertences dos índios fora.

O medo dos kaingangs de Nonoai em relação aos guardas florestais é um fato

Por exemplo: na semana passada, Batista Oliveira pediu uma carona a um carro que passava pela estrada para ir até Planalto, onde iria entregar um chapéu de palha que fizera sob encomenda. Bastou o carro penetrar na mata da reserva florestal para Batista gritar e pedir para não entrar: "Se os guardas me pegam aqui dentro vão me bater e posso até ir preso por causa disso".

No entanto, o delegado de Rodeio Bonito, jurisdição onde ocorreram as agressões, não indiciou ninguém criminalmente. Júlio Cesar Lima da Silva explicou que abriu inquérito dia 9 de agosto para apurar as agressões — e que o remeterá à delegacia regional, que fica na cidade de Palmeira das Missões —, mas como não tinha prova material e faltou exame do corpo de delito, ninguém foi indiciado. "Mesmo o índio que disse ter apanhado — afirma — nós examinamos e não tinha lesões. E que dizem que índio tem a pele grossa e por isso custa mais para ficar as marcas", conclui, sorrindo.